

## UMA ESPIRITUALIDADE NA ANCESTRALIDADE

*\*Haidi Jarschel é professora de Sagrada Escritura no ITESP. Parte deste texto foi escrito para o Curso de Inverno, João Monlevade (MG), maio de 2003.*

*Haidi Jarschel\**

**Resumo:**

*A a. partindo de suas experiências pessoais e tradicionais de diversos grupos culturais, busca recuperar o valor da experiência dos mais vividos. Partindo de uma leitura da importância — peso — dada aos(as) anciãos(ãs) no Antigo Testamento, e seguindo o pensamento de alguns autores, a a. realça a figura da mulher velha relacionando-a à sabedoria especialmente a partir do livro dos Provérbios e o espaço da sabedoria do mundo feminino. Com isto elabora-se uma série de questões e perspectivas para compreender o espaço da Chokmah/Sabedoria especialmente na literatura pós-exílica. Os nomes e tarefas de muitas mulheres de etapas anteriores, que de um certo modo teriam preparado o espaço para esta figura, são apresentados. Algumas conseqüências para uma nova espiritualidade a partir destes pensamentos são deduzidas.*

**Chaves:**

*Sofia; Espiritualidade feminina; Sabedoria; Ancestralidade; Bíblia: Sofia.*

*A sabedoria edificou a sua casa, lavrou as suas sete colunas... Porque por mim se multiplicam os teus dias, e anos de vida se te acrescentarão.*  
(Pv 9,1.11)

### UMA CONVERSA COM AS RAÍZES...

Numa sociedade cujo fetiche é a juventude e o que é jovem, o culto ao corpo jovem ou a idolatria das ninfas é mais que

necessário adotarmos como categoria analítica o corte *gene-racional* e começarmos a produzir teologia a partir deste lugar, que é cada vez mais um lugar de exclusão. Começo pela minha própria espiritualidade e mística para tecer mais que nada uma espiritualidade das raízes, na ancestralidade, na sabedoria<sup>1</sup>.

Em muitas situações na minha vida, especialmente quando me encontro nas encruzilhadas, eu olho para trás, converso com minhas avós no imaginário, porque já estão mortas, para tomar algumas decisões. Muitas vezes, ando para um lado bem diferente que elas me aconselhariam, mas eu preciso fazer esta conversa com elas, para explicar-lhes porque vou para o outro caminho. Quando faço isto, é como se fizesse uma conversa com as minhas raízes e elaboro as decisões que vão em outra direção do que meus antepassados achariam certo. Com isto eu não rompo com minhas raízes, não faço rupturas, não fico sem identidade, sem parâmetros, também não fico com culpas por andar em meus próprios caminhos... Eu preciso das minhas raízes, da sabedoria dos meus e minhas antepassadas para tê-las como referências e não perder completamente o rumo na vida. Eu posso reorientar o tronco e os galhos, mas não posso cortar as raízes senão morro. Por isso converso com elas incansavelmente. Encontro abrigo nas velhas e grandes árvores...

Estas raízes estão em casa de bisavós, avós, de mãe e de pai! Estão nas pequenas coisas do cotidiano, no jeito de preparar a comida, de arrumar a casa, de organizar o tempo, de partilhar afeto e de punir os erros. Na minha memória, tem dois lugares muito especiais, onde aprendi muito com minhas duas avós: na cozinha quentinha no sul com aquele cheiro sempre mágico e, na horta de grandes repolhos, couves-flores... e no jardim com perfumadas flores de muitas cores! Foram muitos momentos mágicos onde aprendi a cozinhar com os olhos e o cheiro. E na horta e jardim, aprendi os segredos da terra, das sementes, das luas boas para plantar, cortar, podar, semear... Cada lua um segredo! Aprendi também das ervas para curar o corpo. Aprendi a observar com todos os sentidos. Nestes espaços mágicos, escutei as histórias dos/as antepassados/as... histórias de migração, de fome, de índio, de medos, mortes, lutas, muita luta, muita fé na vida também. Em cada história uma avaliação das coisas que dão certo na vida e das que não deram. Acertos e desacertos, os descaminhos e as causas deles.

Nestas histórias a imaginação de criança voava, imaginando os rostos, as cenas, os navios, as malas, as carroças que viajavam vários dias, os ataques indígenas às terras deles usurpadas — e daí o início do preconceito racial no sul — as grandes árvores tombadas. Poucas fotos, muita história para contar e imaginar. Muito rito também: a hora de comer todos/as jun-

<sup>1</sup> Escrevo este texto inspirada na minha filha Thalita, meu filho Micael, minha afilhada Sophia e sobrinha Ana Sara. Desejo de todo meu coração a SABEDORIA mais velha que a própria terra para suas vidas.

tos na mesa com oração, as visitas às pessoas doentes e oração comunitária, o encontro da família nos domingos, os bailes com bandinha, os passeios comunitários, o culto dominical. Este encontro intergeracional na cozinha e na horta rendia o aprendizado para a vida, a confiança na sabedoria e na experiência. Fazia sentir que havia raízes profundas e fortes. Como pensar em romper com elas? E por que haveria de romper? Novos tempos, novas histórias e a atualização das raízes, como minhas avós diziam: *no tempo das minhas avós era assim... agora já mudou um pouco, a gente faz assim...* Continuamos atualizando as raízes, mas não podemos ficar sem elas. Morremos.

As sociedades tradicionais, indígenas, orientais e afros, de maneira especial guardam um profundo respeito pela experiência e sabedoria das pessoas com mais idade. Também organizam sua cultura em redor da *ancestralidade* onde se encontram as raízes do povo que não podem ser esquecidas ou rompidas. Sem as/os ancestrais que são as raízes não há futuro para o povo. Também a sociedade israelita/judaica organizou a sua história na base dos ancestrais, como Abraham ('*ab* — pai/ancestral, *raham* — muitos povos), Moisés, Jacó, José e de mães ancestrais como Agar, Sara, Rebeca, Raquel e Lia, Tamar, Raabe e Rute. Estes e estas personagens ficam como fios condutores da tradição do povo. E no encontro intergeracional é que elas são transmitidas adiante, entre a sábia reflexão dos mais velhos/as e o fascínio e curiosidade das crianças e jovens.

Mas que pena, pois parece que na cidade e também um tanto na roça, se passou a sobreestimar o *moderno* como valor máximo (Ex.: computador de última geração, carro último ano, etc.), perdendo-se cada dia mais o valor do *antigo*, do vivido, da experiência das gerações passadas. Acho que a juventude precisa muito recuperar o aprendizado da tradição cultural, buscar as raízes para não se perder em caminhos de muito sofrimento. Perdeu-se em muito a conexão entre as gerações, a transmissão da SABEDORIA às gerações mais novas. Nesta sabedoria, os segredos da natureza, das curas, das rezas, do fazer a comida, das festas, do cuidar da vida... Embora seja natural, nas novas gerações, o desejo humano de inovação, há culturas que não abandonam a dependência respeitosa pela sabedoria dos *mais vividos*. Isto se encontra muito presente entre as culturas africanas e indígenas. Os orixás das religiões afro e os pajés das indígenas são representantes de anciãos/as, cultuados nestas culturas. Alguém que tem muito a dizer às gerações mais novas... e ouvidas pelas gerações em crescimento.

Com a ideologia da modernidade, estes personagens vitais são substituídos pela ciência e pela tecnologia. Os ouvidos, os olhos, a cabeça e o coração passam a fixar-se à *boca da ciência*,

à boca da tecnologia, deixando-se de lado desta forma, as gerações antecessoras que são consideradas *ultrapassadas*, alguém que *não sabe mais nada*, alguém que *perdeu o bonde da história*... Algumas destas expressões amargas vem da boca de pessoas mais vividas. Sentem-se descartadas do baralho, do jogo da vida, sem valia para geração mais nova. As palavras de sua boca caem, em geral, no vazio... o mesmo vazio que é ocupado pela voz da tecnologia, pelo mercado, pelos modismos, pelo consumo — sem querer aqui assumir uma postura antimodernista ou anticiência radicalizada. Quero salientar, a radicalidade do movimento antitradição presente entre nós, há um *desfoque* das tradições, da sabedoria popular acumulada por várias gerações. Neste processo, a perda cultural é irreparável.

A sabedoria dos/das anciãos/ãs é fonte de vida para ser bebida pelas novas gerações, com toda gratuidade. É sabedoria cheia de graça e gratuita. As gerações dos povos afro sobreviveram no Brasil com a força de suas tradições, de suas divindades, da força de seus Orixás, da beleza do seu canto e das suas danças. A tradição foi, sem dúvida, poço de resistência e de esperança para tanto sofrimento e morte. Também para as migrações européias trazidas nos séculos XIX e XX, sendo a grande maioria povo empobrecido pelo capitalismo europeu. A mística destes povos migrantes trazidos ao Brasil, primeiro africanos/as e depois europeus, ancorada na tradição de ancestrais e da tradição garantiu a reserva de esperança e vontade de lutar para se manter vivos ante às adversidades atrozmente cometidas contra estes povos.

## ANCIÃOS E ANCIÃS NA BASE SOCIAL DO POVO DE DEUS

Ao darmos uma rápida olhada nos textos do Antigo Testamento, vemos de cara, no decálogo (Êxodo 20,12) uma palavra a respeito dos pais e mães na base estrutural deste povo: *Honra (k**b**d) teu pai e tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que Javé teu Deus te dá*. Este verbo *k**b**d*<sup>2</sup> empregado aqui tem literalmente um sentido de *ser pesado*, algo ou alguém de peso na sociedade, como Faraó (Ex 7,14; 8,15; 9,7.34), reis (1 Rs 11,21), lideranças populares (1 Sm 4,18; e o próprio Javé (Ex 16,10; 40,34; vários salmos), que deve ser respeitado ou, que o respeito a estas autoridades é pesado para o povo. Ambos os sentidos podem ser aqui interpretados. Em síntese, o verbo é empregado em relação a pessoas com influência e de importância social e política em Israel. Assim, o pai (*'ab*) e a mãe (*'em*) são sujeitos de importância vital naquela estrutura social. Isto fica mais evidente quando são mencionados no decálogo. Pai e mãe, os mais velhos de um clã são eixos para a estrutura da

2 Cf. R. HARRIS — R. LAIRD et al., *Dicionário internacional de teologia*. São Paulo, Vida Nova, 1998, pp. 696-697. L. KOEHLER — W. BAUMGARTNER. *Lexicon in Veteris Testamenti Libros*. Leiden, Brill, 1985, pp. 418ss.

grande família, pois a eles cabia a integral educação de filhos e filhas, a transmissão de valores e a organização como garantia de subsistência para todo o grupo.

Quando José Comblin analisa o conteúdo do livro de Provérbios, chama atenção para as partes mais antigas contidas neste livro que são *sentenças antigas de tradição sapiencial vindas dos anciãos das famílias e das tribos. São os conselhos dos pais aos filhos, que se relacionam com a vida de família, os costumes tradicionais. O que se relaciona com a preocupação pela transmissão da vida na família é de tradição camponesa. Sempre a primeira preocupação camponesa foi a continuidade da família, para assegurar a transmissão e a salvaguarda do patrimônio de família. A sabedoria camponesa teme antes de mais nada as aventuras provocadas pelos vícios, pela atração pelas prostitutas e de modo geral tudo o que desperdiça os poucos recursos do lar. Aos jovens camponeses é preciso lembrar também a necessidade do trabalho e exortar contra as tentações da preguiça. Sucede que toda negligência pode-se pagar pela redução à escravidão. Se o camponês acumula dívidas, ele pode ser vendido como escravo.*<sup>3</sup>

Carlos Mesters também chama atenção para o aspecto de honrar pai e mãe no sentido de permanecer com o *projeto da família que é o projeto camponês* do tribalismo, em contraposição ao projeto do Estado que dispersa a família através da escravidão. *A autoridade básica não está no rei, mas nos pais, nas famílias. O poder está descentralizado fundamentado na menor unidade de convivência social...*<sup>4</sup> Manter-se unido ao pai e a mãe é preservação da unidade familiar básica autônoma economicamente. É garantir um tipo de sociedade diferente o projeto da monarquia, dos faraós. Manter-se fiel as tradições da comunidade garantem vida mais plena aos que dela participam.

O mandamento refere-se a honrar pai e mãe, já que o modelo vigente desta unidade familiar é *patriarcal e patrilocal*.<sup>5</sup> É por isso que a unidade familiar israelita chama-se *bet 'ab* casa do pai. As genealogias estão na linhagem do pai ('*ab*), a bênção é concedida pelo pai ao filho (Gn 49; 27,27-29, etc.) e uma das concepções mais antigas de Deus é o Deus dos pais (Gn 49,25; Ex 3,13). O termo '*ab* aparece 1.191 vezes nos escritos vétero testamentários enquanto '*em* (mãe) aparece 220 vezes.<sup>6</sup> No entanto ambos tem conotação de ancestralidade. EVA (*hawwah, do verbo hyh, viver*) (Gn 3,20) é considerada a *mãe de todos os vivos* ('*em kol hay*) grande ancestral da humanidade, o que vai ao encontro de um resquício de sociedade matriarcal onde se tem a concepção de *mãe primordial*.<sup>7</sup> Esta mesma atribuição aparece novamente em Gn 4,1 e no Eclesiástico 40,1 mas foi suplantada pela tradição masculina. *O título*

3 Cf. J. COMBLIN, O caminho da Sabedoria. Em *Estudos Bíblicos*, 1993, 37, pp. 10-11.

4 Cf. C. MESTERS. *Bíblia, Livro da Aliança*. São Paulo, Paulinas, 1986, p. 28.

5 Cf. F. CRUESEMANN-H. THIEN, *Als Mann und Frau geschaffen*. Berlin, Burkhardhaus, p. 26ss.

6 Cf. L. KOEHLER — W. BAUMGARTNER, *Lexicon in Veteris Testamenti Libros*, op. cit., pp. 58-59; R. HARRIS — R. LAIRD et al., *Dicionário intencional de teologia*, op. cit., pp. 5-6.

7 Cf. E. GOSSMANN et al., *Dicionário de Teologia Feminista*. Petrópolis, Vozes, 1997, pp. 168ss.

'mãe primordial', mais antigo, foi sendo empurrado para segundo plano, de certo porque no decurso da tradição bíblica a transmissão da vida foi passando a ser cada vez mais atribuída ao homem...<sup>8</sup> Mas esta mãe primordial volta com muita força no pós-exílio, no livro dos Provérbios, numa imagem muito forte em Pv 8,22-31 que estava junto no ato criador. Ela aparece na forma de Sabedoria.

8 *Ibidem*, p. 168.

Por esta sociedade ser estruturada de forma patriarcal e patrilocal, o pai era a autoridade máxima, no âmbito sagrado, jurídico, político e econômico.<sup>9</sup> A sucessão de sua autoridade era passada ao filho primogênito através da bênção paterna. Isto explica porque nesta tradição prevalece preferencialmente a sabedoria e a autoridade dos ancestrais masculinos. Diante deste fato que o pai é revestido de plena autoridade sobre o grupo familiar, nos perguntamos se a sabedoria e a tradição de uma geração para outra é absolutamente masculina?! Onde estão as brechas por onde aparece a autoridade e sabedoria das mulheres ancestrais? Onde há rupturas neste tecido social e nesta tradição patriarcal?

9 Cf. N. GOTTWALD, *As tribos de Javé*. São Paulo, Paulinas, 1986, p. 349.

### A SABEDORIA GARANTE A VIDA

Sabedoria de vida é adquirida com experiência, com vivência e avaliação da mesma a cada passo. Não bastam anos acumulados, isto não garante sabedoria. Entende-se que a sabedoria pertence aos mais vividos, como aparece claramente na repreensão de José: *Que sonho é este que tiveste? Acaso viremos, eu e tua mãe e teus irmãos a inclinar-nos diante de ti em terra?* (Gn 37,10) E esta sabedoria também diverge conforme o espaço social, ou seja, a sabedoria camponesa e popular está preocupada com a continuidade da unidade familiar básica que garante o sustento de todos/as; a sabedoria do palácio dedica-se a governabilidade e continuidade do reinado; no espaço do templo, temos a preocupação do aperfeiçoamento da lei e da religião. São vários os livros e os salmos que refletem sínteses populares e palacianas sobre a continuidade da vida e do poder. E nelas há histórias de mulheres conselheiras e não somente de homens conselheiros. Há uma longa tradição feminina de aconselhamento em todos os espaços, tanto político quanto no privado. A figura da *mulher velha* é relevante e respeitada. Onde ficou entre nós a imagem da sabedoria da *mulher velha* ou o *homem velho*?

Na cultura popular israelita, a sabedoria garante a VIDA, é *práxis* cotidiana e não discurso. E esta sabedoria é perpassada pelo conceito de JUSTIÇA como o enuncia os livros sapienciais e os salmos:

*Já fui jovem e agora sou velho,  
mas nunca vi justo abandonado,  
nem sua descendência mendigando pão.  
A boca do justo murmura sabedoria  
e a sua língua proclama o direito. (Sl 37)*

Vamos recuperar um pouco a imagem da *mulher velha* e sábia, voltando as fontes da nossa tradição judaico-cristã. Temos a literatura sapiencial que pode ser um poço profundo de água boa e fresca de sabedoria. Quero trazer aqui o livro de Provérbios, especialmente os capítulos 1-9 e 31 para desfazer esta impressão da sabedoria ser de cunho exclusivo masculino. Nestes capítulos, temos a interpelação “meu filho” no início das unidades literárias, e em três vezes a figura da mãe como fonte de sabedoria ao lado do pai, Pv 1,8; 6,20 e 31,1. Mas o que mais chama atenção neste livro é a imagem da *sabedoria* como feminina (hkmh). A personificação da sabedoria é uma mulher, a Chokmah/Sophia.

Quero chamar atenção para alguns aspectos desta literatura<sup>10</sup> que pode nos ajudar a reencontrar a sabedoria das mulheres tão desqualificada e minimizada diante da ciência positivista ocidental. Encaro como um grande desafio, empoderar a sabedoria, o conhecimento e os espaços assim ditos como femininos. A partir da dicotômica divisão entre público e privado, sobreestimou-se e empoderou-se o conhecimento vindo do espaço público e subestimou-se a sabedoria dos sujeitos menos empoderados e relegados a *espaços desvalorizados*.

Algumas perguntas que Silvia Schroer expõe no início do seu livro são: *Em qual posição se coloca a Sabedoria personificada diante de JHWH, Deus de Israel, como ela é introduzida em nosso quadro pós-exílico onde prevalece uma religião monoteísta?*<sup>11</sup> A exegese tradicional não encontrou uma resposta convincente para esta questão da introdução da *Chokmah/ Sophia* no contexto pós-exílico. Outra pergunta é: *Um livro — dos Provérbios — foi escrito com dominantes imagens femininas e aceito no cânon israelita. Por que?*<sup>12</sup> Sabemos que o período do pós-exílio tem características de uma doutrina e teologia predominantemente patriarcal e monoteísta, preocupada em firmar um dogma e a identidade israelita. Schroer propõe três questões metodológicas determinantes, a partir de uma hermenêutica feminista:<sup>13</sup>

1. *A Sabedoria personificada precisa ser lida estreitamente junto com a literatura sapiencial da mesma época e internamente no próprio livro de Provérbios, o livro de Jó, etc. Isto porque ela tem muitas faces nesta literatura e não se pode esquecer que é literatura produzida dentro de um veio patriarcal.*

10 Aqui tomo por base dois estudos do livro de Provérbios, de Silvia SCHROER, *Die Weisheit hat ihr Haus gebaut*. Mainz, Matthias-Grünewald-Verlag, 1996, e de Christl MAIER, *Das Buch der Sprichwörter*. Em L. SCHOTROFF — M.-Th. WACKER (Eds.), *Kompendium Feministische Bibelauslegung*. Gütersloh, Chr. Kaiser Verlag, 1998, pp. 208ss. As traduções da língua alemã para português são minhas.

11 Cf. S. Schroer, *Die Weisheit hat ihr Haus gebaut*, op. cit., p. 28.

12 Idem, p. 29.

13 Idem, pp. 29-30.

2. *Chegar dos textos aos contextos significa metodologicamente compreender não somente as imagens divinas (Gottesbilder) como expressão espiritual e de desenvolvimento histórico-teológico, mas acima de tudo como reação a mudanças sociais, políticas, culturais e religiosas. E ela elabora uma pergunta a isto: Por que esta grandeza mediadora se revela na imagem da mulher justamente no período pós-exílico, e o que ela quer intermediar exatamente?*
3. *É improdutivo metodologicamente confrontar os textos com perguntas teológicas, assim como a relação da Chokmah com o monoteísmo. Schroer propõe que focalizemos a análise no encontro entre a teologia e antropologia porque estes dois componentes se encontram nas imagens divinas. Então, no caso de Pv 1-9 e 31, o significado mulher para a personificação Sabedoria é uma chave elucidativa. Nela conflui características das antigas deusas do Oriente próximo muito combatidas e demonizadas no período pré-exílico, que aparecem nesta literatura pós-exílica.*

A *Chokmah/Sophia* é a única imagem divina feminina reconhecida na literatura israelita. Ela é revestida de elementos dos antigos cultos as deusas orientais, como da egípcia Maat, da deusa do amor Hathor e da erótica deusa síria, como também da tradição do culto de Isis. Esta confluência na Sabedoria e a permissão desta imagem na tradição israelita chama atenção pela sua força de *aparecer* aí. Será que esta imagem da sabedoria relacionado às mulheres é uma criação somente deste período histórico, emprestado das deusas orientais e que só pode aparecer agora? Onde ela está na história anterior? Por que ela aparece neste contexto pós-exílico?

Não se pode analisar Sabedoria baseada apenas na confluência dos elementos das deusas, mas na força de recepção desta imagem entre israelitas e na sua própria história. A imagem *Chokmah* personificada em mulher, tem uma *pré-imagem* que se faz a partir da história de muitas mulheres israelitas. Na literatura do Primeiro Testamento aparecem vários tipos de mulheres conselheiras, sábias, profetizas, mães... que em situações de crise e conflitos políticos dão conselhos ou entram em ação definindo decisivamente os rumos da história. *As conselheiras históricas e literárias de Israel possibilitam que a Sabedoria personificada possa emergir neste papel. Como também a própria recepção das influências religiosas das culturas próximas. Pois, mulheres sábias, esposas conselheiras e mães em Israel convocam e vocacionam 'Chokmah', através dos séculos a partir da sua sabedoria. E elas são reconhecidas como representantes de 'Chokmah'.*<sup>14</sup>

14 Cf. S. Schroer, *Die Weisheit hat ihr Haus gebaut*, op. cit., p. 72.



Temos uma relação histórica bem clara entre Pv 1,20 *Grita na rua a sabedoria, nas praças levanta a sua voz; do alto dos muros clama, à entrada das portas e nas cidades profere as suas palavras*, (8,1-3 e 9,1-5), e 2 Sm 20 onde a *mulher sábia* (*'sh hkmh*) de Abel-Bet-Maaca gritou da cidade e questionou a Joabe sobre a destruição que tramava para aquela cidade por causa de Seba.

Por exemplo, uma outra relação possível é a história de mulheres muitos séculos anteriores é a tradição de mulheres como *senhoras da casa, hospedeiras* e que *preparam alimentos* como Raabe em Jericó (Js 2 e 6), Jael na tenda que hospeda Sísara e depois o mata (Jz 4-5), Tamar (Gn 38) e a mulher de Sunem que constrói uma casa (2 Rs 4,8-17), Rebeca que prepara o jantar da bênção subversiva (Gn 27) e Ester que com a refeição prepara a queda de Amã (Es 5-7). Estes espaços e ações são decisivos, provocativos, decidem sobre vida e morte. Estão repletos de sabedoria baseados em amplos horizontes e conhecimentos sociais, políticos, culturais e religiosos.

Provérbios 31,10 pergunta: *Uma mulher forte — quem a achará? Acima de corais está o seu valor* e em Pv 8,35 *Quem a mim acha, encontra a vida, e alcança graça em Javé*. Poderíamos arriscar a apontar a esta pergunta e afirmação como uma chave hermenêutica de uma síntese histórica das *mães, sábias, profetizas*, enfim das tantas (e ao mesmo tão poucas reveladas) mulheres na tradição histórica israelita que estão sintonizadas com Pv 8,6-12: *Porque a minha boca proclamará a verdade; os meus lábios abominam a impiedade. São justas todas as palavras da minha boca, não há nelas nenhuma coisa torta, nem perversa* (vs. 7-8). As mulheres da história de salvação nesta tradição são mulheres que estão envolvidas de alguma forma com faraós, senhores feudais, reis. Desobedecem-nos, mandam matá-los, dizem oráculos contra eles, estes que são os grandes senhores e que têm todo o poder e os exércitos sob seu comando. São mulheres que sabem da vontade de Javé, que fazem parte da construção da tradição mais cara de Israel. Profecia, sabedoria, ancestralidade se amarram com tradição — *tradição da justiça* contra aqueles que escravizam o povo e o fazem gemer de dor, morrer de fome, largados na beira do caminho sem terra e pão. Esta é a *Chokmah/Sophia* que está enredada com a tradição das anciãs do povo israelita, anciãs populares, do campo e da cidade. Sabedoria e profecia brotam do coração de gente vivida e com horizontes grandes, que têm sensibilidade para as gerações vindouras, querem garantir vida para estes e estas que ainda estão pequenos e jovens, e dos/as tantos/as que virão... Querem animar os mais novos a achar o rumo certo para a vida, o rumo de vida boa, com *leite e mel*.

Por último, gostaria de fazer algumas provocações a respeito da espiritualidade. Tanto Schroer quanto Maier, levantam com força esta reflexão já que na *Chokmah* temos a imagem divina feminina revestida da sabedoria e práxis de mulheres velhas e sábias, mães do povo, profetizas. Esta imagem é relevante para o reintegração das mulheres, para recobrar a sua dignidade e uma espiritualidade que não seja esquizofrênica com seu cotidiano. Esta contradição entre a vida das mulheres e a espiritualidade judaico-cristã tem uma clássica explicação sistematizada numa frase de Mary Dayle<sup>15</sup>: *Enquanto Deus for macho, o masculino é Deus*, ou seja, o masculino é divinizado e isto empodera estruturalmente os homens levando-nos a uma relação assimétrica de gênero, onde todos e todas perdemos.

Recuperar o rasto das mulheres como sábias na tradição judaico-cristã e na tradição das nossas culturas pode ser um caminho de *sanación* da cultura predominantemente patriarcal e excludente, violenta e unilateral, da descartabilidade e da tecnologia veloz. Assim, para as novas gerações de mulheres e homens, uma espiritualidade na ancestralidade pode minimizar o fetiche da modernidade que insiste em desqualificar a sabedoria popular e o antigo, a prática do aconselhamento de geração para geração, da passagem de experiência acumulada de gerações mais antigas. Assim,

*Espiritualidade Sofia servirá aos laços dos humanos entre si e aos laços dos humanos com a criação; ela ultrapassará, por sua força própria e interior, as fronteiras entre as culturas, as nações e as raças, as fronteiras entre pobre e rico, entre homem e mulher, e as fronteiras das religiões.*<sup>16</sup>

Por último, um impulso para continuarmos mais esta conversa: Conhecemos pessoas entre nós como estas/es sábias/os? O que já aprendemos delas, o que podemos aprender para a vida? E nossas avós e avôs? São nossas raízes. O que nos deixaram de herança? As tradições afro-indígenas no Brasil preservam muito o valor da sabedoria das pessoas anciãs e de sua boca profética. Conseguimos reconhecer isto e valorizar? Como transformar esta tradição como fonte de cura para nossa sociedade?

Benditos/as somos porque entre nós há muita gente vivida de muitos anos, do século passado e antepassado (vejam só!) que têm a alegria no coração de lutar pelos brotos novos da sociedade. Plantam árvores das quais não vão mais comer a fruta, mas sabem que deixam frutas para as filhas e filhos, netas e netos... Este espírito de preservação, de cuidado está no centro da sabedoria. Os e as avós querem que as netas e netos aprendam a receita do biscoito, da torta, do assado, da feijoada, das ervas curativas... e das rezas que acompanham tudo isto.

15 Mary DALY é teóloga feminista americana e escreveu *Beyond God the Father*. Boston, Beacon, 1985.

16 Cf. S. Schroer, *Die Weisheit hat ihr Haus gebaut*, op. cit., p. 54.